

O horizonte

A inflação de dez por cento em maio, numa economia de preços "congelados", significa que a inflação real, aquela que se acha reprimida, é muito maior. A qualquer momento ela eclode e veremos, então, que o Plano Verão foi incapaz de remover as causas básicas do câncer inflacionário brasileiro. Entre estas, a mais básica é o déficit público que, incrivelmente, aumentou, ao invés de baixar nos últimos quatro meses. Em fevereiro o Governo anunciou, pomposamente, que havia reduzido a zero o déficit de janeiro. Omitiu, todavia, a informação de que estava administrando as contas públicas não no sentido de reduzi-las, mas de adiá-las. Foi adiando pagamentos que o Governo chegou ao "equilíbrio" orçamentário de janeiro e fevereiro.

A inflação de maio reflete correções de preços que se tornaram necessárias porque o Governo não parou de gastar, nem de emitir. Emitiu (moeda e títulos) para rolar uma dívida que o Plano Cruzado exacerbou, através da ilusão de uma política monetária voltada para combater consumo. O consumo continuou e continua elevado, os ricos se enri-

queceram mais ainda na ciranda financeira e o Governo mais ainda se endividou, recriando toda a potencialidade inflacionária embutida no setor público brasileiro.

Não há mais esperança de que este Governo seja capaz de empreender algo confiável para estabilizar a inflação em patamar baixo. Mas, ao mesmo tempo, a Nação não pode aceitar a idéia de que a crise vai se agravar mais ainda ao longo dos dez meses de mandato que resta ao atual Governo. Dez meses constituem período longo demais para uma economia já sucateada, como a nossa. É preciso, de algum modo, reverter o quadro.

A união dos agentes privados do processo econômico para uma ação autônoma em relação ao Governo é a variável única que o realismo nos acena. Os agentes deveriam concordar com um conjunto de princípios e procedimentos susceptíveis de manter a estabilidade da economia, ainda que num nível crítico, até que se passe pelo período que vai até a posse do futuro Presidente. Um novo Governo e, mais adiante, um novo Congresso, é o horizonte que nos separa do desalento. Temos que atingi-lo.